

REPRESENTAÇÃO IDENTITÁRIA NEGRA EM DOM QUIXOTE DAS CRIANÇAS E SUA TRADUÇÃO PARA O ESPANHOL ARGENTINO

*Laura Cristina de Moraes Andrade**

lauracmandrade@gmail.com

Universidade de Brasília

*Germana Henriques Pereira***

germanahp@gmail.com

Universidade de Brasília

Resumo: O presente trabalho tem por objetivo analisar como a personagem Tia Nastácia é representada na obra *Dom Quixote das Crianças* de Monteiro Lobato, publicada no Brasil em 1936, e como esta representação se reflete em sua tradução ao espanhol feita por Benjamín de Garay, publicada em Buenos Aires em 1938. Os resultados obtidos são fruto da dissertação de mestrado intitulada *As aventuras de Dom Quixote das Crianças nos sistemas literários Brasil – Argentina*, apresentada ao programa de pós-graduação em Estudos da Tradução – Postrad, do Instituto de Letras da Universidade de Brasília, em 2023. A metodologia de pesquisa deu-se mediante a comparação do texto de partida (TP) e de sua tradução (TC) para o espanhol, revelando as estratégias tradutórias de Benjamín de Garay, assim como as decisões por ele tomadas ao longo do processo tradutório, principalmente no que se refere às manifestações de racismo em relação à personagem Tia Nastácia. A análise comparativa dos textos de partida e de chegada apoia-se em conceitos teóricos dos estudos da tradução cunhados por Lefevere e Basnett (1990) e Berman (2012). A importância de Monteiro Lobato como autor de literatura infantil brasileira e de Benjamin de Garay como tradutor de literatura brasileira para o espanhol no início do século 20 não impedem o reconhecimento, nos textos de partida e de chegada, de traços do racismo presente nas sociedades brasileira e argentina daquela época.

Palavras-Chave: Dom Quixote; Monteiro Lobato; Benjamín de Garay; racismo.

1 Introdução

* Mestre em Estudos da Tradução pela Universidade de Brasília (UnB), onde também concluiu a graduação em Letras – Tradução Espanhol. Atualmente, cursa Letras – Licenciatura em Língua Espanhola, Literatura Espanhola e Hispano-americana na UnB.

** Professora Associada do Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução da Universidade de Brasília (UnB), onde atua na graduação e no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução. Doutora em Teoria Literária pela UnB, com pós-doutorados na Université de Rennes 2, na UFSC e na Université de Montréal, é coordenadora do grupo de pesquisa NEHTLIT (CNPq) e editora-chefe da *Revista Belas Infiéis*.

*Dom Quixote das Crianças*¹ foi traduzido duas vezes para o espanhol². A primeira tradução, de autoria de Benjamín de Garay, foi publicada em 1938, em Buenos Aires pela Editorial Claridad sob o título *Don Quijote de los Niños*. Em 1945, uma segunda tradução elaborada por M. J. de Sosa foi publicada em Buenos Aires pela Editorial Americalee com o título *El Quijote de los Niños*. Embora ambas as edições tenham sido lançadas em Buenos Aires, as traduções circularam por diversos países da América Latina tais como Uruguai, Chile, Peru, Colômbia e México.

Considerando que toda tradução é uma forma de reescrita e de negociação cultural, observamos que a reescrita não se limita à busca da equivalência textual, mas objetiva a adequação a um novo contexto cultural distinto daquele ao qual o texto era destinado inicialmente (Lefevere; Bassnett, 1990, p.13). Exatamente por isso torna-se relevante conhecer o contexto cultural em que a obra foi publicada no Brasil em 1936 e na Argentina, após sua tradução para o espanhol bonaerense, em 1938 e 1945.

Este estudo, resultado da pesquisa de mestrado *As aventuras de Dom Quixote das Crianças nos sistemas literários Brasil – Argentina*, apresentada ao programa de pós-graduação em Estudos da Tradução – Postrad, do Instituto de Letras da Universidade de Brasília, em 2023, focaliza como é representada a personagem Tia Nastácia, mulher preta, que trabalha como cozinheira e quituteira na família de Dona Benta. Essa questão não é nova no cenário da crítica nacional, uma vez que a obra de Monteiro Lobato vem sendo há muito denunciada como racista, pela forma como o autor-narrador e personagens referem-se à personagem preta, que a apesar de sua envergadura na trama do Sítio do Pica-pau amarelo, aparece como socialmente inferiorizada. Trata-se aqui de acompanhar a translação da visão sobre a personagem na referida obra de Monteiro Lobato e como ela é vertida por Benjamín de Garay.

2 Desenvolvimento

¹ Dom Quixote das Crianças, contado por Dona Benta, foi publicado pela Companhia Editora Nacional em 1936. Era o 25º título de livros destinados às crianças que compunham a Biblioteca Pedagógica Brasileira, série 1ª – Literatura Infantil.

² Antes de ser publicada como livro, foi publicada como folhetim no jornal La prensa, em Buenos Aires, em 1937.

Ao longo do desenvolvimento da pesquisa, foi fundamental entendermos os contextos culturais do Brasil e da Argentina no início do século 20, momento de escrita e posterior tradução da obra.

2.1 Monteiro Lobato no Brasil e na Argentina

No início do século 20, a educação no Brasil não era amplamente acessível, resultando em um alto índice de analfabetismo e baixo nível de escolaridade na população. A cultura seguia padrões importados, predominantemente europeus, com o francês sendo considerado a língua da cultura, influenciando os modelos literários e tradutórios adotados no país. Nesse contexto, emergiram os primeiros movimentos nacionalistas nas artes, culminando na Semana de Arte Moderna de 1922³. Embora não seja considerado modernista, Monteiro Lobato era um nacionalista convicto, defendendo a representação do Brasil tanto na literatura nacional quanto na tradução de obras estrangeiras.

Em relação à Argentina, é crucial compreender em que estágio de desenvolvimento literário e editorial o país se encontrava na época. Embora a Coroa Espanhola não tenha proibido a edição de livros na América Espanhola, tal como a Coroa Portuguesa havia feito no Brasil, a indústria editorial Argentina era incipiente devido aos altos custos de importação de papel para a impressão de livros. Consequentemente, a maioria dos autores argentinos imprimia suas obras em empresas situadas na Europa. Quanto à literatura importada, grande parte vinha da Espanha, de outros países europeus e dos Estados Unidos (Andersen, s.d, s.p.).

Entre as duas guerras mundiais, especialmente durante a Guerra Civil Espanhola (1936), as editoras europeias reduziram significativamente sua produção, ocasionando a emigração de muitos profissionais espanhóis da área editorial para países hispano-americanos, transformando Buenos Aires no principal centro editorial da América Latina nesse período (Andersen, s.d, s.p.). Embora Argentina e Brasil fossem os dois países latino-americanos mais desenvolvidos economicamente e ambos estivessem em fase de consolidação de uma literatura nacional, havia pouco

³ A Semana de Arte Moderna foi uma manifestação cultural que incluiu dança, música, poesia e artes plásticas, ocorrida entre os dias 13 e 18 de fevereiro de 1922, no Teatro Municipal de São Paulo. Tinha por objetivo quebrar os padrões artísticos estabelecidos, rompendo com o tradicionalismo e apresentando uma nova concepção artística, mesclando inspirações europeias e temas nacionais. Monteiro Lobato foi um dos escritores que mais atacou a iniciativa.

intercâmbio literário entre os dois países. Nesse cenário, surgiram parcerias para promover as literaturas brasileira e argentina em ambos os territórios. Uma das iniciativas, baseada em protocolos comerciais e acordos culturais bilaterais entre os governos brasileiro e argentino, foi a publicação da *Biblioteca de Autores Brasileños Traducidos al Castellano*, visando estreitar as relações intelectuais entre escritores e acadêmicos de ambos os países (Karan, 2021, p.36-38). Paralelamente, no Brasil, subsidiada pelo Itamaraty e dirigida por Pedro Calmon, surgiu a Biblioteca de Autores Argentinos. No âmbito comercial, a *Editorial Claridad* publicou diversos títulos brasileiros em espanhol, incluindo *Don Quijote de los Niños* (1938) de Monteiro Lobato, traduzido por Benjamín de Garay. Além das parcerias governamentais e comerciais, houve colaborações pessoais significativas, como a que ocorreu entre Monteiro Lobato, diretor da Revista do Brasil, e Manuel Gálvez, diretor da *Revista Nosotros* (Karan, 2021, p.36-38).

Dessa forma, Monteiro Lobato encontrou no sistema literário argentino um espaço para a publicação de suas obras, contando com a colaboração de figuras como Manuel Gálvez, Horácio Quiroga, Ramón Prieto e Benjamín de Garay. A historiadora Gabriella Pellegrino Soares (2002, p.19) destaca que a obra de Monteiro Lobato marcou, na Argentina, a transição entre livros didáticos destinados a crianças e a literatura infantil propriamente dita. Na década de 1940, suas obras foram amplamente lidas por crianças argentinas, que careciam de um escritor nacional de igual relevância. Sua obra representou um dos mais significativos movimentos de intercâmbio cultural entre os dois países naquele momento.

Monteiro Lobato via a tradução como um agente crucial para a disseminação da literatura, permitindo que os textos alcançassem reconhecimento além de suas fronteiras de origem. Ele acreditava que a tradução não apenas beneficiava a cultura de chegada, mas também conferia maior visibilidade ao autor e à cultura de partida.

Benjamín de Garay, primeiro tradutor de *Dom Quixote das Crianças*, foi um intelectual argentino que viveu no Brasil entre as décadas de 1920 e 1930. Atuou como tradutor e divulgador de escritores brasileiros na Argentina e vice-versa, colaborando com a *Revista do Brasil* e sendo responsável pela tradução e publicação de muitas das obras de Monteiro Lobato na Argentina. Até a década de 1940, Garay foi o tradutor literário mais ativo no par de línguas português-espanhol.

Em sua produção como tradutor, podemos encontrar alguns paratextos de sua autoria que nos mostram suas diferentes posições tradutórias em função da obra traduzida. De acordo com Passero (2004, p. 97, tradução nossa):

De sua obra como tradutor, Benjamín de Garay relatou em breves paratextos, notas preliminares às obras mais significativas que traduziu, como, por exemplo, "Duas Palavras do Tradutor", inserida na primeira edição espanhola de *Os Sertões*, na *Biblioteca de Autores Brasileños Traducidos al Castellano*, o "Prefácio do Tradutor à 2ª Edição" da mesma obra, publicada pela *Editorial Claridad* e a "Nota do Tradutor sobre o Título desta Obra" em *Casa-grande e Senzala*, publicada pela *Editorial Emecé* em 1943. Nestes textos, nos quais se encontram representações da língua portuguesa e indícios de um estatuto informal da língua, percebem-se diferenças em relação ao duplo projeto de tradutor de Benjamín de Garay, num sentido, voltado para as elites, na *Biblioteca de Autores Brasileiros* e noutro sentido, voltado para os leitores populares, nas edições que organizou para a *Editorial Claridad*⁴.

Conforme citação acima, pode-se entender que nas obras que faziam parte da *Biblioteca de Autores Brasileños Traducidos al Castellano*, Garay utiliza uma linguagem orientada às elites cultas, uma vez que a Biblioteca era destinada a estreitar laços culturais entre escritores e catedráticos argentinos e brasileiros. Porém, nas obras traduzidas para a *Editorial Claridad*, caso de *Don Quijote de los Niños*, a linguagem da tradução era orientada ao público leitor mediano ou, melhor dizendo, geral. No prefácio, por exemplo, da segunda edição de *Os Sertões* (1942), encontramos a seguinte afirmação do tradutor a respeito da tradução da obra mestra de Euclides da Cunha: "[...] lo que ha de ambicionar el traductor es el de transportar el contorno de la obra maestra, dejando que la imaginación del lector intuya la catarata de belleza que dentro de ese contorno se encierra" (Garay, 1942).

Como se pode ver, nas obras que compunham o catálogo da *Editorial Claridad*, direcionadas ao público em geral, Garay, como tradutor, entendia a tradução como algo mais livre, menos sujeito ao texto de partida, direcionada à cultura de chegada com o mínimo estranhamento possível para o leitor. Em relação à obra *Dom Quixote*

⁴ De su labor como traductor, Benjamín de Garay ha dado cuenta en breves paratextos, notas preliminares a las obras más significativas que tradujo, como, por ejemplo, "Dos palabras del traductor", inserto en la primera edición española de *Os Sertões*, en la *Biblioteca de autores Brasileños Traducidos al Castellano*; el "Prefacio del traductor a la 2ª Edición" de la misma obra, editada por Claridad y la "Nota del traductor sobre el título de esta obra" en *Casa-grande y senzala* aparecida bajo el sello de Emecé en 1943. En estos textos, en los que se advierten representaciones de lengua portuguesa y los signos de un estatuto informal de lengua, pueden advertirse diferencias en relación con el doble proyecto de Benjamín de Garay como traductor, en un sentido, orientado a la élite, en la *Biblioteca de Autores Brasileños...* y en otro sentido, a los lectores populares, en las ediciones que organizó para la *Editorial Claridad*. Un breve repaso de esas diferencias, entre lo culto y lo popular, es el propósito de este trabajo.

das *Crianças*, algumas das estratégias de tradução adotadas por Garay em relação à personagem Tia Nastácia serão detalhadas mais adiante.

2.2 A questão racial em *Dom Quixote das Crianças* e a tradução argentina

Monteiro Lobato é, certamente, um dos maiores escritores de literatura infantil no Brasil. No entanto, sua obra tem gerado polêmicas e críticas. A pesquisadora Rachel Afonso da Silva, em artigo apresentado nos Anais do XII Congresso Internacional da Associação Brasileira de Literatura Comparada (ABRALIC), manifesta-se da seguinte forma acerca da censura à obra de Monteiro Lobato, na primeira metade do século 20:

Nas décadas de 30 e 40, a ação censora esteve à caça de elementos que desaconselhassem a obra lobatiana do ponto de vista da moral cristã e das ideologias políticas de então; quase todos os livros são pegos pelo pente fino da censura e, claro, a personagem mais apontada em tais pareceres é, justamente, a predileta das crianças (e também do próprio Lobato) – Emília – acusada de blasfemar, dizer impropérios, absurdos e “inverdades” (Silva, 2011, s.p.).

Nos anos de 1950, o Padre Sales Brasil publicou a obra *A literatura infantil de Monteiro Lobato ou Comunismo para Crianças*, na qual ignorava a qualidade literária e a proposta de formação crítica de leitores do escritor e criticava a ausência de conteúdos religiosos em seus livros e, em sua visão, a existência de ideologias danosas à moral das crianças (Valente, 2022, s.p.).

No início do século 21, surgiram questionamentos acerca de visões racistas de Monteiro Lobato presentes no conto *Negrinha* e no livro *Caçadas de Pedrinho*. Essas questões, inclusive, levaram a representações junto ao Conselho Nacional de Educação (CNE) e Controladoria Geral da União (CGU), e alegavam a presença de estereótipos de pessoas pretas ou de discriminação racial nas obras⁵. Tal situação provocou manifestações de diversos estudiosos, contra e a favor da proibição dos

⁵ Tal polêmica culminou com a manifestação do Superior Tribunal de Justiça – STJ, que ratificou o Parecer CNE/CED 6/2011 do Ministro da Educação e concluiu que "A simples leitura do conteúdo do ato impugnado deixa evidente que houve completa preocupação do poder público com a questão étnico-racial. Se, por um lado, reconheceu a importância histórico-literária da obra ficcional de Monteiro Lobato, por outro lado, orientou que o emprego daquela obra e de outras fosse operado de acordo com uma política de educação antirracista, política essa que deverá se desenvolver via os profissionais da educação, e não por meio do Judiciário", concluiu o relator ao denegar a segurança. Disponível em: <https://www.stj.jus.br/sites/portalp/Paginas/Comunicacao/Noticias/2024/24122024-Indicacao-de-Monteiro-Lobato-para-escolas-publicas-nao-violou-normas-antirracistas--decide-Primeira-Secao.aspx>.

livros de Monteiro Lobato nas escolas devido aos conteúdos considerados racistas, especialmente na caracterização da personagem Tia Nastácia.

O racismo em sua obra se manifesta principalmente na forma como personagens negros e pretos⁶ são narrados, representados e referidos dentro da obra, tanto na enunciação de outros personagens, como em sua descrição pelo narrador. Tia Nastácia, a cozinheira do Sítio, é frequentemente descrita de maneira estereotipada, com falas que reforçam preconceitos raciais e uma subserviência exagerada em relação à Dona Benta e às demais personagens brancas.

A pesquisadora Marisa Lajolo (1998, s.p.) no texto *A figura do negro em Monteiro Lobato*, aponta, bem antes das denúncias de racismo nos textos *Negrinha e Caçadas de Pedrinho*:

Discutir a representação do negro na obra de Monteiro Lobato, além de contribuir para um conhecimento maior deste grande escritor brasileiro, pode renovar os olhares com que se olham os sempre delicados laços que enlaçam literatura e sociedade, história e literatura, literatura e política e similares binômios que tentam dar conta do que, na página literária, fica entre seu aquém e seu além. Além do texto, aquém da vida.

Assim, a despeito da evidente existência de racismo nas obras de Monteiro Lobato, a sua leitura oferece uma oportunidade para se rever o racismo impregnado na sociedade brasileira, possibilitando que as novas gerações compreendam a importância da diversidade e da inclusão, na sociedade. Tal como em outros livros do autor, em *Dom Quixote das Crianças* é possível encontrar passagens que refletem preconceitos raciais e visões eurocêntricas, comuns no pensamento da época. Contudo, simplesmente proibir tais obras nas escolas não seria escamotear o debate? A literatura, muitas vezes, pode ficar, em alguns aspectos, “aquém da vida”, como afirma na citação Marisa Lajolo. Mas longe de ser um panfleto puramente racista, as obras do Sítio do Pica-pau Amarelo apresentam outras qualidades que não as invalidam totalmente, mas tampouco apagam as questões suscitadas pela visada da representação negra na obra. A tensão que se cria entre esses polos, pode nos ajudar a entender diversos fenômenos da sociedade brasileira e seu legado histórico, tanto no que concerne o racismo como herança perversa da

⁶ No texto de Monteiro Lobato a personagem de Tia Nastácia é sempre referida como “a negra”, como era usual no início do século 20. Atualmente, ela seria designada como mulher preta, de acordo com sua cor de pele. Neste artigo, o que se propõe é avaliar é a forma como a raça negra foi retratada na obra em estudo, razão pela qual ambos os adjetivos são utilizados ao longo do texto, a depender do contexto tratado.

escravização dos povos africanos e dos povos originários, quanto no que concerne o papel da literatura na premente luta antirracista.

Em sua adaptação/apropriação (Andrade, 2023, p. 25-28), Lobato preserva a essência das aventuras de Dom Quixote, ajustando a narrativa ao estilo do Sítio do Pica-pau Amarelo. No entanto, ao longo do livro, há trechos que reforçam estereótipos raciais, especialmente nas falas e descrições que depreciam a personagem Tia Nastácia. Como em outras obras do autor, a visão hierárquica entre brancos e negros é evidente, refletindo influências do pensamento eugenista do início do século 20.

O racismo na obra manifesta-se não apenas na caracterização da personagem preta, mas também em comentários depreciativos que reforçam a ideia de superioridade europeia. Essa perspectiva colonialista é evidente em diversas adaptações literárias feitas por Monteiro Lobato, nas quais a cultura europeia é exaltada em detrimento das culturas indígena e africana.

Para a elaboração desta análise, é importante destacar que tanto o texto de partida (TP) quanto o texto de chegada (TC) foram transcritos conforme os exemplares disponíveis na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (<https://www.gov.br/bn/pt-br>). As diferenças de acentuação e grafia em relação às normas ortográficas atuais, tanto do português quanto do espanhol, devem-se à evolução dessas línguas desde o início do século 20 até os dias atuais. Além disso, há que se considerar que não se trata de uma tradução atual, mas de um texto cunhado no início do século 20, portanto, em sua leitura atual, por si só, já podemos encontrar alguns estranhamentos.

Na tradução de Benjamin de Garay, publicada em 1938, foi incluído um prefácio que apresenta os personagens aos leitores argentinos, uma vez que as obras infantis de Monteiro Lobato ainda não eram conhecidas naquele país. O quadro abaixo destaca as caracterizações de Dona Benta e Tia Nastácia, presentes no prefácio da obra, de autoria não declarada, evidenciando-se, assim, a diferença de visada entre os dois personagens:

Quadro 1 - Caracterização dos personagens lobatianos.

Personagem	Caracterização em TC
Doña Benita	La abuelita. La abuelita de todos los tiempos ... es "la abuelita número 1", la primera abuelita del mundo ... doña Benita es una filósofa y una sabia . Sabe y enseña, pero enseña de una manera amable y encantadora que todo se vuelve sencillo y claro. (p. 5, grifo nosso).
Tía Nastasia	[...] la cocinera de doña Benita, una negra, negra por fuera y blanca

por dentro, muy bondadosa, muy perita en preparar bocadillos y buñuelos, pero que vive rezongando. (p. 6, grifo nosso).

Fonte: elaborado pelas autoras.

Ao se analisar o quadro acima, é surpreendente a descrição da personagem Tia Nastácia feita, talvez, pelo tradutor Benjamín de Garay (TC). Ela é descrita como “uma negra, negra por fora e branca por dentro”, “mas muito bondosa e boa cozinheira”. Como se a bondade da personagem e sua perícia como cozinheira só pudessem existir porque, apesar de ser preta por fora ela era branca por dentro, o que evidencia a visão de mundo racista da tradução. Já Dona Benta é descrita como filósofa e muito sábia, claramente superior à Tia Nastácia. Ou seja, desde os aparatos textuais, o leitor argentino é introduzido no universo lobatiano a partir de uma visão segregadora do mundo, em que pessoas pretas só podem ser consideradas “boas”, “decentes”, se forem “brancas por dentro”. Ora, o que significava e significa até hoje para uma pessoa preta ser “branca por dentro”? Podemos adiantar que, primeiramente, significa fazer parte de uma sociedade que a escravizou e que hoje não quer se desfazer dos privilégios, um deles, talvez o maior, o de ser uma “pessoa de qualidade”. Isso mostra uma visão de mundo estreita e reducionista, para dizer o mínimo.

Ao longo da narrativa de *Dom Quixote das crianças*, por diversas vezes, os personagens e o narrador se referem a Tia Nastácia como “a negra”, à qual dão ordens, criticam e cobram seus maravilhosos quitutes. O texto traduzido reproduz essa forma de tratamento e, algumas vezes, apresenta acréscimos e omissões ao texto de partida. A seguir apresentamos exemplos da situação citada:

Quadro 2: Tratamento dispensado à Tia Nastácia pelos personagens e pelo narrador.

TP	TC
— Chega! Berrou Emília. Não enjoe. Vá cuidar das suas panelas — e foi empurrando a negra até a porta da cozinha. (p. 13) (Grifo nosso).	— ¡Basta! —Berró Emilia—, ¡No embrome! Vaya a cuidar de sus cacerolas. Y fue empurmando a la negra hasta la puerta de la cocina. (p.10) (Grifo nosso).
— Escolha um sabugo de milho vermelho, gritou Emilia quando a negra se retirava. (p. 57) (Grifo nosso).	La desconsolada negra obedeció. —Escoja un Marlo de Maíz colorado – le gritó Emilia, cuando tía Nastasia se retiraba llevando el cadáver del Vizconde en la mano temblorosa. (p.74) (Grifo nosso).

Fonte: elaborado pelas autoras.

Além da caracterização de Tia Nastácia e do tratamento a ela dispensado pelos demais personagens e pelo narrador, observa-se, também, especificamente, no TC, algumas alterações de registro de fala, conforme quadro abaixo:

Quadro 3 - Idioleto de Tia Nastácia em TC-1.

TP	TC
— E ao entrar na sala, vendo o desastre: Nossa senhora! Que terremoto será aquilo? Exclamara ela: Será possível, santo Deus? A terra estará tremendo? (p.12)	— ¡Nuestra señola! ¿Qué telemoto selá éste? —exclamó la asustada negra, Y, al entrar en la sala y ver el desastre: ¿Selá posible, santo Dios? ... ¿La tiela estalá temblando? (p.9) (Grifo nosso).
— Em cima do Visconde, Emilia? Então o pobre do Visconde está embaixo desse colosso? (p.12)	— Incima del vizconde, Emilia? ... Tonce el poplecito vizconde tá debajo de este coloso? (p.9) (Grifo nosso).
— Credo! Exclamou. Parece um bolo de massa que a gente senta em cima. Será que morreu?(p.12)	¡Clisto! —gruñó—, ¡Palece un cacho de masa cuando uno se le sienta aliba! ... ¡Poplecito! ¿Se hablá muerto? (p.10) (Grifo nosso).
— E agora? disse a negra, de mãos na cintura, com os olhos naquele achatamento. (p.13)	— Y ahola? — comentó la negra, con las manos en la cintura, los ojos fijos en aquella chatura lamentable. (p.10) (Grifo nosso).
— Não sei, sinhá. ⁷ Ouvi um barulho. Corri e achei o livro no chão. Quando levantei o livro, encontrei embaixo uma chatadura: era o pobre visconde. Nem gemia. Estava morto duma vez ... (p.14)	— No sé, siña. Yo escuché un baluyo tlemendo . Vine coliendo y encontré el liblo en el suelo. Cuando lo levanté, encontlé debajo una chatula : ela el poble vizconde. Ni chistaba. Estaba muelto del todo como un dijunto . (p.12) (Grifo nosso).
— Não sei, sinhá. O que vi foi um a escada no chão, o livro em cima do visconde e um cabo de vassoura. Diz a Emilia que foi num sei que de uma tal alavanca ... (p.14)	— Yo no sé, Siña. ¡ Palabla! Yo vi una escalera en el suelo, el liblo incima del vizconde y un palo de escoba. Emilia dice que jué no sé qué de una tal doña Palanca ... (p.12) (Grifo nosso).

Fonte: elaborado pelas autoras.

O quadro acima marca a alteração na fala de Tia Nastácia no TC, com a troca do “r” pelo “l”, do “e” pelo “i”, do “f” pelo “j”, simulando, a fala de uma pessoa com menor nível de conhecimento da norma culta e que, por isso, supostamente, pronunciaria as palavras de maneira distinta das pessoas de maior nível social ou conhecimento linguístico na Argentina. A fala de Tia Nastácia no TC é de tal forma caricata que deforma o texto, acrescentando camadas de discriminação linguística e provocando o empobrecimento de suas redes discursivas. De acordo com Berman (2012, p. 82 - 83):

⁷ De acordo com o dicionário Houaiss: o substantivo feminino sinhá refere-se a forma de tratamento que os escravos no passado designavam a senhora ou patroa.

[...] a exotização pode caminhar para a vulgarização ao passar um vernacular estrangeiro para um vernacular local [...] Tal exotização, que transpõe o estrangeiro de fora pelo de dentro, só consegue ridicularizar o original.

Cabe ressaltar que esta distinção não existe no original de Lobato, que utiliza, para a personagem, uma linguagem coloquial no português do Brasil, e não faz dessa linguagem um estereótipo tão marcado, apesar da forma de tratamento “sinhá”, com a qual se dirige à Dona Benta. Supomos tratar-se de uma decisão do próprio tradutor, resultando em um evidente preconceito linguístico mediante a criação de um idioleto. A personagem, mulher preta, já está em posição de inferioridade na obra e na vida, ao ser tratada desde o ponto de vista do narrador e de outros personagens como “a negra”, como vimos Emília fazer acima. Acrescentar um idioleto que não estava no texto de partida, e que é caricato, risível, marca ainda mais essa condição, sobretudo porque as características do idioleto constantes nos exemplos acima apresentados não são usuais no espanhol argentino.

Não se pode deixar de observar que a descrição da personagem de Tia Nastácia de forma discriminatória e racista por Benjamín de Garay já a caracterizava como “uma negra, negra por fora, mas branca por dentro”, e que além disso, ainda apresenta uma fala que se afasta da norma culta. Quando, no prefácio, a personagem é descrita como “branca por dentro”, “mesmo” sendo “negra por fora”, supostamente, são acrescidas ao personagem qualidades pessoais, que lhe garantiriam o “caráter”, como pessoa de bem, como dissemos acima. Monteiro Lobato tem sido muitas vezes apontado como racista. No caso específico de *Dom Quixote das Crianças*, o racismo do autor é menos explícito, contudo, do que o do tradutor. A postura adotada na tradução de Benjamin de Garay, quer na caracterização da personagem, quer na alteração de sua fala, clarifica o racismo estrutural existente na sociedade argentina do início do século 20 e que permanece vigente até os dias atuais.

Em relação à justificativa de que a tradução é voltada ao texto e cultura de partida, pode-se afirmar que, de modo geral, o tradutor atuou de forma independente, arriscando opções de tradução que se distanciaram do TP, com acréscimos e omissões, como, por exemplo, os aspectos relacionados à descrição e à fala de Tia Nastácia.

3 Considerações finais

Certamente, diante das tão necessárias lutas antirracistas hoje no Brasil e no mundo, reconhecemos como válidas e necessárias as críticas feitas ao autor. Contudo, considerando a análise de Marisa Lajolo (1998, s.p.), grande conhecedora da obra de Lobato, podemos questionar se é possível desvincular o autor de sua obra e se devemos julgá-lo fora de seu contexto histórico e social. Monteiro Lobato foi um nacionalista. Lutava por um Brasil melhor, pelo estabelecimento de uma língua brasileira, e, sem dúvida, mudou a literatura nacional, criando uma literatura infantil autônoma, o que foi importante para a formação de um repertório canônico infantojuvenil, mas isso não invalida o fato de a personagem de Tia Nastácia ser construída de forma racista, por meios, sobretudo, de expressões do narrador, sejam elas marcadas explicitamente nas vozes dos demais personagens ou por meio de suas ações no decorrer da trama. Tais expressões, além de comporem a personagem, uma mulher preta, ingênua, crédula, bondosa, traduzem o racismo estrutural da sociedade brasileira, que fundamenta a base cultural e sistêmica da sociedade de então e, ainda, a dos dias atuais. O racismo estrutural, quando não tratado da maneira devida, permite que a sociedade continue reproduzindo práticas racistas. O fato de Tia Nastácia cozinar os deliciosos quitutes, ser bonachona, bondosa, é uma armadilha fácil para as peripécias de Emília, que se permite reproduzir práticas sociais corriqueiras, dentre as quais o racismo na forma de microagressões, piadas, silenciamento, isolamento etc. Mesmo que as falas de Tia Nastácia no TP sejam constituídas de uma linguagem coloquial na obra em estudo, no TC foram traduzidas na forma de um idioleto estranho até para o leitor argentino. Tal situação mostra como o racismo, embora não explícito por meio de palavras, se faz presente na obra e é marcado em sua tradução. Tia Nastácia representa a mulher preta que assume os papéis de empregada, de babá, daquela que serve para cuidar dos filhos da elite branca entre outros papéis que, até os dias de hoje, exerce em nossa sociedade.

As marcas de racismo existentes no TP foram traduzidas no TC de forma mais explícita, o que demonstra como o tradutor enxergava a obra de Monteiro Lobato e a sociedade brasileira do início do século 20. Além disso, assegura que tais acréscimos não causaram estranhamento na sociedade argentina daquela época. O racismo na obra de Monteiro Lobato é fato. Na tradução de Benjamín de Garay,

também. Pode-se dizer que era uma visão da época? Na verdade, é obrigação social de todos pensar o racismo e não normalizar as condutas racistas da sociedade.

BLACK IDENTITY REPRESENTATION IN *DON QUIXOTE DAS CRIANÇAS* AND ITS TRANSLATION INTO ARGENTINE SPANISH

Abstract: This paper aims to analyze how the character Aunt Nastácia is represented in the work *Dom Quixote das Crianças*, by Monteiro Lobato, published in Brazil in 1936, and how this representation is reflected in its translation into Spanish by Benjamín de Garay, published in Buenos Aires in 1938. The results obtained come from the master's dissertation entitled "The adventures of *Dom Quixote das Crianças* in the literary systems Brazil - Argentina," presented to the postgraduate program in Translation Studies - Postrad, of the Institute of Letters of the University of Brasília, in 2023. The research methodology was based on the comparison of the source text (ST) and its translation (TT) into Spanish, revealing Benjamín de Garay's translation strategies, as well as the decisions he made throughout the translation process, especially about the manifestations of racism in relation to the character Aunt Nastácia. The comparative analysis between the source and target texts is based on theoretical concepts from translation studies coined by Lefevere and Bassnett (1990) and Berman (2012). Monteiro Lobato's importance as an author of Brazilian children's literature and of Benjamín de Garay as a translator of Brazilian literature into Spanish at the beginning of the 20th century doesn't prevent the recognition, in the source and target texts, of traces of racism present in Brazilian and Argentine societies at that time.

Keywords: Don Quixote; Monteiro Lobato; Benjamín de Garay; racism.

Referências

ANDERSEN, R.V., *El libro y su comercio en el actual territorio argentino*. Siglos XVI-XIX. Hilario Books, [s.l.], [s.d.]. Disponível em: <https://www.hilariobooks.com/la-voz-de-los-expertos/el-libro-y-su-comercio-en-el-actual-territorio-argentino-siglos-xvi-xix>. Acesso em: 06 ago. 2023.

ANDRADE, L. C. de M. *As aventuras de Dom Quixote das Crianças nos sistemas literários Brasil – Argentina*. 2023. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2023.

BASSNETT, S.; LEFEVERE, A. (org.). *Translation, History and Culture*. London: Pinter, 1990.

BERMAN, A. *A tradução e a letra ou o albergue do longínquo*. Trad. Marie-Hélène C. Torres, Mauri Furlan, Andreia Guerini; Rev. Luana Ferreira de Freitas, Marie-Hélène Catherine Torres, Mauri Furlan, Orlando Luiz de Araújo. 2. ed. Tubarão: Copiart; Florianópolis: PGET/UFSC, 2013.

GARAY, B. Prefacio del traductor a la segunda Edición. In: CUNHA, E. da. *Los Sertones*. La tragedia del hombre derrotado por el medio. Buenos Aires: Claridad, 1942, p. 9-12.

KARAN, S. B. *Traduzir o Brasil, a Argentina e o mundo*: coleções de literatura estrangeira nas décadas de 1930, 1940 e 1950 e nas duas primeiras décadas do século XXI. 2021. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/231600>. Acesso em: 06. ago. 2023.

LAJOLO, M. *A figura do negro em Monteiro Lobato*. Campinas: Unicamp, 1998. Disponível em: <https://www2.iel.unicamp.br/webdocs/iel/monteirolobato//outros/lobatonegros.pdf>. Acesso em: 31 out. 2023.

MONTEIRO LOBATO, J. B. *Dom Quixote das Crianças*: contado por Dona Benta. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1936.

MONTEIRO LOBATO, J. B. *Don Quijote de los Niños*. Tradução: Benjamín de Garay. Buenos Aires: Editorial Claridad, 1938.

PASSERO, C. A. Los límites de la lengua. Benjamín de Garay y la praxis de la traducción. *Graphos: Revista de pós-graduação em Letras*, João Pessoa, v. 6, n. 2/1, p. 95-100, 2004. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/graphos/article/view/9538>. Acesso em: 15 ago. 2023.

SILVA, R. A. Monteiro Lobato e a escola nas décadas de 1930 e 40. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIC, 12., 2011, Curitiba. *Anais* [...]. Curitiba: ABRALIC, 2011. Disponível em: <https://abralic.org.br/eventos/cong2011/AnaisOnline/resumos/TC0850-1.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2025.

SOARES, G. P. *A semear horizontes*: leituras literárias na formação da infância, Argentina e Brasil (1915-1954). 2002. Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002. DOI: 10.11606/T.8.2002.tde-06062003-191230. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-06062003-191230/>. Acesso em: 10 out. 2023.

VALENTE, T. A. Monteiro Lobato: rasgado, queimado, cancelado e imprescindível. *Jornal da Unesp*, [S. I.], 25 fev. 2022. Disponível em: <https://jornal.unesp.br/2022/02/25/monteiro-lobato-rasgado-queimado-cancelado-e-imprescindivel/>. Acesso em: 23 out. 2025.

Recebido em 02/04/2025

Aceito em 27/11/2025

Publicado em 23/12/2025